

O FRANCO PALADINO

(Proclamação dirigida à Comunidade Espirita)
ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO
CODIFICADO PELO MESTRE ALLAN KARDEC
Distribuição gratuita = Tiragem: 200 exemplares
NITERÓI/RJ = ANO V = Nº 56 = FEVEREIRO DE 2008

ASSIM FALOU ALLAN KARDEC

(Dialogando com o Espírito de Verdade)

A.K. – Acabo de receber de Marselha uma carta em que se me diz que, no seminário dessa cidade, estão estudando seriamente o Espiritismo e “O Livro dos Espíritos”. Que se deve augurar desse fato? Será que o clero toma a coisa a peito?

E.V. – Não podes duvidar disso. Ele a toma muito a peito, porque lhe prevê as conseqüências e grandes são as suas apreensões (...) Prossegue em teu caminho sem temor; ele está juncado de espinhos, mas eu te afirmo que terás grandes satisfações, antes de voltares para junto de nós “por um pouco”.

A.K. – Que queres dizer por essas palavras: “por um pouco”?

E.V. – Não permanecerás longo tempo entre nós. Terás que volver à Terra, para concluir a tua missão, que não podes terminar nesta existência (...) Ausentar-te-ás por alguns anos e, quando voltares, será em condições que te permitam trabalhar desde cedo...

OBS. – Em nota complementar ao que disse seu Guia, o Espírito de Verdade, Allan Kardec acrescentou: “ – Calculando aproximadamente a duração dos trabalhos que ainda tenho que fazer (ainda faltavam 8 anos e 9 meses para sua desencarnação) e, levando em conta o tempo da minha ausência e os anos da infância e da juventude, até a idade em que um homem pode desempenhar no mundo um papel, a minha volta deverá ser, forçosamente, no fim deste século (séc. XIX), ou no princípio do outro (séc. XX)”.

Como se comprova pelo cálculo que o Mestre lionês fez em decorrência do que lhe dissera seu Guia, o Espírito de Verdade, Allan Kardec levou muito a sério essa revelação. Ora, raciocinando bem, tendo em vista a elevada categoria do Espírito manifestante e a suprema autoridade do único e verdadeiro Missionário da Terceira Revelação, Allan Kardec, por que motivo nós, insignificantes profites da Doutrina dos Espíritos, não vamos também levar em consideração o que consta desse diálogo e do cálculo feito pelo Mestre lionês?

Infelizmente, porém, há no mundo os pseudo-sábios, aqueles mestres presunçosos, que acham que tudo sabem e que o que afirmam é o que está certo. Esses consideram que trocar idéias, discutir, polemizar sobre o que disse o Espírito de Verdade (Jesus) e sobre o cálculo que fez Allan Kardec sobre sua volta, é perda de tempo, é coisa de bobos da corte; é discussão estéril.

Eu já não penso assim como esses doutores da lei dos tempos atuais. Estou com o Espírito de Verdade (Jesus), que fez essa sublime revelação. Estou também com Allan Kardec, que levou muito a sério o que lhe foi revelado, em 10 de junho de 1860 pela mediunidade da Sra. Schmidt, em sessão realizada na residência do Mestre lionês..

E tenho razões muito fortes para tomar esta decisão. Pouco me importa que aceitem ou deixem de aceitar o que, há anos, vivo afirmando e volto a afirmar hoje, com mais segurança e convicção ainda.

SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE, MEU MELHOR AMIGO

Nascido em Porto Alegre / RS, em 1º de fevereiro de 1890 (quase 21 anos após a desencarnação de Kardec), meu pai era filho do Dr. Severino de Freitas Prestes, Advogado ilustre e Deputado Provincial no Rio Grande do Sul, eleito pelo Partido Liberal, chefiado por Gaspar da Silveira Martins. Era sua mãe, Júlia Köhler Prestes, filha de um imigrante alemão, João Luiz Köhler, ilustre comerciante da capital gaúcha. Além de dona de casa exemplar, dona Júlia foi também Professora de música e desenho.

Pouco tempo depois do seu nascimento, meu pai seguiu com a família para São Paulo, onde o Dr. Severino de Freitas Prestes (meu avô), aprovado em primeiro lugar em concurso público, foi designado Lente Catedrático, tendo assumido a função de Professor de Direito Criminal da Faculdade de Direito de São Paulo, onde hoje é nome de rua.

Em São Paulo, o Dr. Severino Prestes passou a residir com a família (mulher e filhos) na mansão dos Freitas Travassos, seus parentes por parte de mãe, Luiza de Freitas Travassos Prestes, casada com o Dr. Antonio Pereira Prestes. (meu bisavô).

Com a morte do Dr. Severino Prestes, a viúva, dona Júlia, resolveu voltar para o Rio Grande do Sul, passando a morar na casa da mãe, dona Paula Virgínia Köhler, em Novo Hamburgo. Levou em sua companhia os filhos menores, Margarida e João; os dois mais velhos, Antonio Manoel e Severino Prestes Filho, continuaram, contra a vontade, em São Paulo, na residência dos Freitas Travassos. Foi dura e muito dolorosa a separação, que demorou bastante tempo e só terminou por ação judiciária movida por dona Júlia.

Em Novo Hamburgo / RS, onde voltou para junto da mãe que tanto amava, Severino Prestes Filho passou a ser um menino travesso, levado da breca mesmo, como se costuma dizer. Fazia coisas do arco da velha. E sempre estava como líder à frente de grupos de meninos também muito travessos.

Resultado: a solução encontrada foi levá-lo para a cidade vizinha, São Leopoldo / RS e matriculá-lo como aluno interno no Ginásio N. S. da Conceição, fundado e administrado por sacerdotes jesuítas prussianos. Segundo dizem os historiadores, reinava ali uma disciplina severa, num ambiente de muita religiosidade: os alunos eram obrigados a assistir, regularmente, à missa, e obrigados a se confessar, pelo menos uma vez por ano, de preferência na Semana Santa...

(Continua na pág. 2)

(Continuação da pág. 1)

... Tinham que estar sempre rezando, fazendo o sinal da cruz e estudando o Catecismo. Mas, em contrapartida, ensinava-se muito bem. Os professores eram ótimos e transmitiam com muita didática, seus conhecimentos das seguintes disciplinas: Línguas (Latim, Português, Francês, Inglês, Alemão, Italiano, Espanhol), Ciências Físicas e Naturais, Química, Matemática (Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria), Geografia Física e Econômica, História Universal e do Brasil, História da Igreja Católica, Filosofia (com ênfase na Doutrina Escolástica e a Teologia). Havia também aulas teóricas e práticas de Educação Física com prática de diversos esportes.

Severino Prestes Filho, meu pai, sempre foi muito bom aluno e sempre esteve à frente da turma. Por isso mesmo ajudava bastante os colegas mais fracos em certas disciplinas, dando-lhes explicações das aulas que consideravam mais difíceis.

Entretanto, os professores de Teologia e Doutrina da Igreja, o viam com antipatia porque ele era um questionador contumaz. Fazia constantes perguntas que deixavam os padres embaraçados diante da turma. E não se conformava com a resposta que era sempre esta: “- Isto é um mistério, meu filho, um dogma da Igreja, imposto pelos Concílios. Não se discute”. E, como meu pai não se conformava com essa resposta, era sempre castigado: ia para o isolamento e era obrigado a rezar tantos Padres Nossos e tantas “Ave Marias”, o que ele fazia sempre de má vontade. Por isso a penalidade era sempre redobrada.

No final do Curso de Humanidades (ginásio antigo), meu pai caiu gravemente enfermo, tendo que se afastar da escola por muito tempo. Parecia mesmo que ia morrer e os padres chegaram até a ministrar-lhe a extrema unção. Mas não morreu e no ano seguinte voltou a freqüentar os bancos escolares, com grande aproveitamento até o final do curso.

Em 1905, teve que vir para o Rio de Janeiro, a fim de se matricular no Curso Preparatório da Escola Militar do Realengo. É que ele soubera de uma carta-testamento deixada por seu genitor Dr. Severino Prestes, meu avô, antes de morrer. Era sua vontade que seu filho homônimo seguisse a carreira militar não só como Oficial de Cavalaria mas também como Engenheiro Militar, pois queria dar um filho à Pátria que ele tanto amava. Meu pai fez questão de cumprir à risca a vontade paterna, embora sua vocação fosse mesmo para o magistério, do que muitas vezes deu provas em sua vida de militar.

Em princípios de 1911, concluído o Curso Superior, Severino Prestes Filho deixou a Escola de Guerra de Porto Alegre como Aspirante a Oficial da Arma de Cavalaria. Anos mais tarde, fez o Curso de Engenharia Militar, no Realengo, concluído em princípios de 1918. Passou então a servir no Corpo de Engenheiros do Exército, primeiramente como Tenente, e, depois, como Capitão.

Regressando um pouco no tempo, devo informar que, ao ingressar no Curso Preparatório da Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, o então Cadete Prestes Filho veio a tomar conhecimento da Filosofia Positivista do filósofo francês Augusto Comte do qual o Cel. Benjamin Constant, professor da Escola,

era um dos fervorosos adeptos. Tornou-se então positivista dos mais entusiastas, juntamente com vários cadetes.

Outra coisa que muito interesse despertou no Cadete Prestes Filho foi o Magnetismo animal, ciência criada pelo médico alemão Franz Anton Mesmer. Havia na Escola de Guerra de Porto Alegre, onde ele fazia o Curso Superior de formação de Oficiais, um professor de Física, grande admirador de Mesmer, que se dedicava ao estudo teórico e prático do Magnetismo, e, em suas aulas fazia experiências com os próprios alunos que, voluntariamente, se apresentassem para servir de sonâmbulos, principalmente os mais susceptíveis de serem hipnotizados. O Cadete Prestes gostou muito do que viu e ouviu das lições do Mestre e se tornou também um grande magnetizador, prática essa que exerceu durante muitos anos, paralelamente às suas atividades como Oficial do Exército. Chegou mesmo a freqüentar a Associação de Magnetizadores do Rio de Janeiro, que havia no seu tempo.

Outra coisa que grande interesse despertou em Severino Prestes Filho foi a Maçonaria. Quando criança, ele ouvia sempre sua avó, Paula Virgínia, cujo marido, João Luiz Köhler, era maçom, citar atos beneméritos praticados pelos membros dessa Sociedade Secreta. Por sua vez, durante as aulas de História do Curso de Formação de Oficiais, o Cadete Prestes Filho veio a conhecer o papel relevante da Maçonaria não só na França como em muitos outros países, inclusive no Brasil, onde, desde a Inconfidência Mineira até a Proclamação da República, tivemos sempre a presença de grandes vultos da Maçonaria na História do Brasil, pelos quais ele passou a ter grande admiração. Foi como Aspirante a Oficial, em 1911, que meu pai, Severino Prestes Filho, ingressou como neófito na Loja Maçônica “Vigilância” de Niterói. Passou por todos os graus da evolução maçônica, chegando mesmo a exercer a função de Venerável de Loja.

Em 1918, o então Tenente Prestes Filho foi servir em Juiz de Fora / MG com o General Fernando Setembrino de Carvalho, Comandante da 4ª Região Militar, que o convidara para ser seu Ajudante de Ordens e Secretário Geral daquela Guarnição.

Foi aí que ele veio a conhecer a jovem Heloísa Villela de Carvalho, quatorze anos mais nova, por quem ficou logo apaixonado e com quem veio a casar-se, na residência do General Setembrino, no Rio de Janeiro em 13 de setembro de 1922.

Após o casamento, o Capitão Prestes Filho poderia continuar na Capital da República, servindo com o sogro, General Setembrino, que, dois meses depois, foi empossado no alto cargo de Ministro da Guerra, para o qual tinha sido nomeado pelo Presidente Arthur Bernardes. Mas não quis. Preferiu voltar com a esposa para Minas Gerais e continuar, como Engenheiro, à frente do Serviço de Obras do Exército, para o qual tinha sido nomeado meses antes do enlace matrimonial.

Em São João Del Rey, onde esteve como supervisor de obras da construção de um hospital militar, caiu gravemente enfermo, vítima de furunculose. Baldados foram todos os esforços dos médicos...

(Continua na pág. 3)

(Continuação da pág. 2)

... médicos civis e militares da Guarnição, que o atenderam com a melhor boa vontade. Foi então que uma pessoa ali residente o aconselhou a procurar uma senhora conhecida como Dona Mindoca.

Ela dirigia uma casa, onde se praticava o que os historiadores classificaram como sincretismo religioso. Na linguagem popular isto quer dizer magia, feitiçaria, trabalho feito por entidades ocultas, despacho, e outras coisas. Meu pai foi, conversou com ela; disse tudo que estava sentindo e pediu sua opinião. Depois de ouvi-lo com atenção, Dona Mindoca se concentrou, entrou em estado de transe e deixou que seu corpo fosse tomado por uma “alma do outro mundo”, um “preto véio” como se costumava dizer. Com voz e gestos masculinos, essa entidade espiritual começou a dizer o que tinha acontecido: meu pai estava sendo vítima de influências malignas, que precisavam ser afastadas. Para isso, tinha que cumprir rigorosamente, uma série de coisas como as que se fazem nos terreiros de umbanda. E deixou bem claro que ele tinha que ser assíduo freqüentador do centro de Dona Mindoca. Meu pai, que sempre levou muito a sério as prescrições médicas, fez, direitinho, tudo que foi indicado. Mas, poucos resultados alcançou.

Entretanto, seu filhinho primogênito, que ainda não tinha completado um ano de vida, caiu gravemente enfermo, sendo também desenganado pelos melhores médicos civis e militares que o atenderam. Meu pai então recorreu, novamente, a Dona Mindoca, mas lá no centro foi informado que nada podia ser feito pelos médiuns encarregados de darem atendimento às pessoas necessitadas. Ele tinha que ter paciência e se conformar, porque era a vontade de Deus que se cumpria. Desolado, meu pai compreendeu, claramente, que ia perder seu primeiro filho. Tomou então as providências cabíveis e procurou consolar, da melhor maneira possível, a jovem e querida esposa.

E ficaram ambos aguardando o dia do desenlace fatal, que estava para chegar. Mas, felizmente, não chegou.

E não chegou porque, de repente, bateu em sua casa um General do Serviço de Saúde do Exército, que acabara de chegar a São João Del Rey para inspecionar o atendimento que era feito nos hospitais militares da Região. Além de ser médico alopata ele era também homeopata e exercia, ao mesmo tempo, a mediunidade curadora. Em lá chegando, soube do que estava acontecendo em casa do Capitão Prestes Filhos. Foi então fazer-lhe uma visita e oferecer seus préstimos. Recebeu de meu pai o cumprimento devido a um Oficial hierarquicamente superior, e as informações detalhadas em relação à doença de seu primeiro filhinho.

Em dado momento da conversa, o visitante se concentrou, ficou algum tempo em atitude de reflexão, e, virando-se para seu camarada, disse: “- Capitão, estou ouvindo dentro de mim uma voz a dizer-me que seu filhinho não morrerá. Pode ficar descansado”.

Meu pai, é claro, agradeceu a interferência do médico, mas não lhe deu muito crédito, pois já havia se conformado com a idéia de perder o filhinho querido.

Mas o médico insistiu: “ – Por favor, Capitão, leve-me até o quarto onde está o menino. Eu gostaria de vê-lo de perto.” Meu pai concordou e ambos foram em direção ao leito onde estava o doentinho. Diante dele, o médico pôs-lhe a mão na cabecinha, concentrou-se, novamente, e ouviu outra vez, dentro de si, a mesma voz a dizer: “ – Não, o menino não vai morrer; ainda não é chegada a sua hora. É preciso fé e confiança no Poder Supremo”. Repetiu para o Cap. Prestes o que acabara de ouvir, deixando bem claro que quem fazia essa revelação era o Espírito do Dr. Bezerra de Menezes, seu Guia e Protetor.

Prescreveu então um medicamento e foi pessoalmente à farmácia mais próxima para aviar a receita. Voltando, pouco tempo depois, entregou o vidro do remédio homeopata a meu pai. Este, cheio de esperança, mas, ao mesmo tempo, um pouco confuso, sem saber na verdade o que estava acontecendo, seguiu, rigorosamente, a prescrição médica, no horário previsto e na dosagem certa. Duas horas depois, começou a reação favorável: o menino deu sinal de que o organismo estava reagindo e ele iria se recuperar. E realmente se recuperou. Duas semanas depois, já fora de perigo, estava rindo, chorando e se mexendo no berço como qualquer criancinha da sua idade.

Foi este fato, aparentemente “milagroso”, que determinou a conversão de meu pai, ao Espiritismo ou Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec. Ele que, até então, era positivista, ficou deveras abalado em sua convicção. Outros fatos se sucederam e só contribuíram para aumentar a fé e a confiança que o Capitão Prestes Filho passou a ter no poder dos Espíritos superiores da gloriosa Falange do Espírito de Verdade.

E foi um deles, o Espírito de Erasto, Discípulo de Paulo, Apóstolo dos gentios, quem fez, através da mediunidade de minha mãe, a revelação do papel importante que meu pai havia desempenhado no séc. XIX como líder espírita na França, e tinha que prosseguir, não mais ali, na terra dos Druidas, mas, sim, na América, ou melhor, no Brasil, onde o Espiritismo estava sendo confundido com o culto aos Orixás e a prática do Candomblé. Outros médiuns, inclusive seu Porfírio e seu Inácio, do Rio de Janeiro / RJ, serviram de instrumentos preciosos para a comunicação espiritual e confirmaram tudo.

Na verdade, a confusão que se fazia entre o Espiritismo e o culto afro-brasileiro, acontecia, inclusive, com o assentimento dos dirigentes da chamada “Casa Mater”, que teimavam em afirmar que “a Umbanda é Espiritismo, mas não Doutrina Espírita”.

Erasto (Espírito) explicou a meu pai que este tinha sido o motivo pelo qual ele foi levado a freqüentar o centro de Dona Mindoca, antes de se converter ao Espiritismo. E foi essa revelação que veio tirar meu pai da dúvida que o dominava desde que conheceu a Doutrina Espírita.

O diálogo entre meu pai e esse luminoso Espírito durou alguns anos, precisamente, entre princípios de 1926 até meados de 1930. E foi muito útil e proveitoso para meu pai. Em setembro de 1930, ele se manifestou ostensivamente, dizendo: “ – É chegada o momento em que o irmão deve prosseguir sozinho em sua nova caminhada pela Terra. Nossa participação direta... (continua na pág. 4)

(Continuação da pág. 3)

... termina hoje. A partir de agora, continuaremos sempre a seu lado, em todos os momentos de sua vida terrena, ajudando-o a esclarecer dúvidas que surjam, incentivando-o nos momentos de dificuldades e de lutas e, sobretudo, dando-lhe forças para suportar as grandes provações pelas quais terá que passar. E não se esqueça jamais, irmão, de que desta vez não foi para aparecer em público como um líder espírita que veio; não foi para se projetar no mundo espírita como orador, médium, dirigente espírita, que teve que reencarnar para prosseguir em sua missão. Para isso, outros que também fazem parte da gloriosa Falange de Espíritos superiores, vão aparecer, cada qual no seu momento oportuno, para darem sua mensagem e contribuir para a evolução do Espiritismo. É preciso incentivá-los. Daqui para a frente, caberá ao irmão continuar aprofundando-se cada vez mais no estudo do Espiritismo, junto aos seus familiares, que precisarão muito de sua ajuda e proteção. Cabe-lhe, é claro, dedicar-se muito à família e à sociedade, sem se meter em política. Dedique-se com interesse à profissão que abraçou, não por vocação, mas, sim, por opção, até chegar ao fim da carreira e, sobretudo, à militância espírita, colaborando com as instituições beneméritas, mantendo correspondência com confrades nacionais e internacionais, lendo com interesse e, sobretudo, com espírito crítico os livros que forem aparecendo e acompanhando pelos jornais e revistas os acontecimentos que forem se sucedendo dentro do movimento espírita.

“Procure agir sempre como um observador à distância, pesquisando muito, colecionando dados importantes, fotografias e recortes de jornais e revistas classificando tudo, para consultar mais tarde, quando chegar o momento de escrever sua obra. Não se preocupe em deixar muitas obras, dezenas, centenas. A quantidade não importa e sim a qualidade.

“Quando deixar a vida ativa como Oficial do Exército, há de chegar o momento em que o irmão terá que escrever suas Memórias. E isto vai lhe dar muito trabalho e exigirá muito esforço de sua parte...

“ Mas nunca se esqueça de que estaremos sempre ao seu lado”.

De fato, em todos os momentos mais difíceis de sua vida, meu pai sempre contou com a proteção do seu “*Guia bem amado*”, o Espírito de Erasto, Discípulo de Paulo e um dos Guias Espirituais de Allan Kardec. Graças a ele, conseguiu escrever sua obra. Um dia, quando as futuras gerações demonstrarem interesse em conhecer o que papai escreveu por determinação do Alto, suas “*Memórias*” ou melhor, as “*Memórias do General Severino Prestes Filho*” serão lançadas ao público. Será, na verdade, mais uma “*Obra Póstuma*”.

Eu, como filho, acompanhei bem de perto a trajetória brilhante de meu pai, em seus quase oitenta e nove anos de vida. Em 13 de setembro de 1970, cheguei mesmo a dizer a ele por escrito: “ – Eu serei o instrumento que seu Espírito, depois de desencarnado, vai utilizar para prosseguir esse culto do bezerro de ouro que cada dia mais se alastra”, a que se referiu o Espírito de Erasto, em uma “*Instrução*” ditada em Paris,

em 1863. (“*O Evangelho segundo o Espiritismo*”, cap. XX, nº 4)

Oito anos mais tarde, pressentindo que a vida de meu pai, em sua última encarnação, estava chegando ao fim, precisamente, no dia 15 de outubro de 1978, eu lhe disse, novamente por escrito: “ – Meu pai, fique descansado, que a missão que você cumpriu não foi em vão. O livro que você escreveu, por determinação do Alto, um dia será lançado ao público e eu estarei sempre, como um paladino do ideal espírita na luta em defesa do Espírito de Verdade, o Consolador Prometido por Jesus, o Homem de Nazaré”. Três meses e dois dias depois, meu pai e mestre, o General Severino Prestes Filho, precisamente no dia 17 de janeiro de 1979, exalava o último suspiro na Terra e seu Espírito, consciente do dever cumprido, voltava triunfante para a companhia de seu “*Guia bem amado*”, o Espírito de Erasto, Discípulo de São Paulo, e todos os membros da gloriosa Falange do Espírito de Verdade.

NOTA COMPLEMENTAR

Dirigindo-me aos que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir, só posso acrescentar que foi assim que reapareceu na Terra, o verdadeiro Allan Kardec.

Nem poderia ser diferente porque o Professor Denizard Rivail, reencarnado, na Antiguidade entre os Druidas, foi um importante sacerdote conhecido como Allan Kardec. Tempos depois, entre os romanos, foi um Centurião romano (posto equivalente ao de um general). Convertido ao Cristianismo, como muita gente do seu tempo, foi perseguido, preso e condenado à morte, tendo sido entregue aos leões do circo romano, armado no Coliseu, onde morreu como herói, com o pensamento voltado para o Mestre Jesus. Séculos mais tarde, voltou como sacerdote, mas se revoltou contra os abusos do clero e a venda vergonhosa das indulgências, sendo denunciado como herege, e, por isso mesmo preso e condenado pelo Tribunal da Santa Inquisição a morrer na fogueira armada pelos cardeais, e, mais uma vez, soube morrer como um herói, cantando hinos ao Senhor, enquanto seu corpo era devorado pelas chamas. Alguns séculos depois, voltou como um educador emérito, Discípulo de Pestalozzi. Levado por um magnetizador ilustre, Sr. Fortier, a assistir de perto aos fenômenos das mesas girantes e falantes que aconteciam em Paris, bom observador que era, concluiu que, por trás daqueles fenômenos, que divertiam os presentes, ‘*havia qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que precisava ser estudada a fundo*’. E foi o que fez.

Criou, em consequência do seu estudo a Ciência Espírita, e, ao mesmo tempo, deu ao mundo uma Doutrina Filosófica com consequências morais.

Esse professor ilustre, cientista brilhante, grande orador, jornalista e líder espírita, que ficou conhecido como “o bom senso encarnado”, não reapareceria jamais na Terra, entre os homens do século XX, como foi anunciado, em junho de 1860, de maneira diametralmente oposta.

O CONTRAPONTO DE UMA GAZETA ESPÍRITA

A Gazeta "PENSADOR", de João Pessoa / PB, edição de janeiro de 2008, estampou, na pág. 3, coluna "CONTRAPONTO", minha fotografia ao lado da de Chico Xavier, grande médium mineiro que viveu uma longa vida e deixou uma imensa obra mediúnica com cerca de quinhentos livros psicografados.

Confesso que foi uma surpresa para mim e agradeço a gentileza do diretor responsável por esse periódico, meu amigo e confrade Carlos Antonio de Barros.

Nessa mesma coluna, foi também transcrito um artigo, assinado pelo Sr. Saulo Rocha, que criticou duramente minha posição em relação à personalidade do referido médium e à afirmação de que ele foi a reencarnação de Allan Kardec.

Por não querer polemizar, nada tenho a dizer, pois respeito o seu modo de pensar sobre os comentários que fiz em cima do que afirmaram Jorge Rizzini, Dora Incontri e Marcel Souto Maior. Só quero deixar bem claro que mantenho o que disse e foi transcrito em meu boletim "O FRANCO PALADINO", Ano V, nº 53, coluna 2, segundo parágrafo, pág. 4 edição de novembro de 2.007.

E, muito a propósito, faço questão de repetir hoje, integralmente, e sem comentários, o que disse o biógrafo do célebre médium de Pedro Leopoldo.

FALA O BIÓGRAFO DO CHICO

Num diálogo que tive com um jornalista estrangeiro, que perguntou: " - Você não pensa em se casar, Chico?". Este respondeu: " - Eu, casar? Claro que não". Insistiu o jornalista, perguntando: " - Não namora?" E obteve do Chico esta resposta lacônica: " - Nunca". E, como o jornalista se interessasse por detalhes, perguntou: " - Por que?", obtendo a seguinte resposta do médium de Pedro Leopoldo: " - Não há razões, não gosto..." (Marcel Souto Maior, em "As Vidas de Chico Xavier" - Edição PLANETA - 2ª. Edição, - Ano 2003, pág. 98).

Prossegue o biógrafo do Chico, dizendo: " - Uma vez, Chico (incorporado) abriu a boca, numa sessão espírita em Belo Horizonte, falando com voz encorpada, densa, vibrante com ares aristocráticos (...) Uma das espectadoras perdeu a cabeça. Tinha encontrado nele o homem de sua vida.

"A sessão terminou e a moça se agarrou ao braço do médium e não soltou mais (...) Ela queria casar, ter filhos (...) Chico tentou escapular em tom paternal: " - Minha filha, não tenho programa de casamento (...) Eu já não sou mais homem. Nada posso fazer.

"Naquela época, Chico, um solteirão com fala mansa e gestos femininos, sofria insinuações maliciosas. E recorria a respostas prontas para justificar seu celibato (...) A moça insistia; estava apaixonada pelo médium. Tempos depois, Chico recebeu uma carta educada do pai dela, pedindo-lhe que se casasse com ela..." (op. cit. pág. 113)

Páginas adiante, escreveu o biógrafo do Chico: " - Na noite do dia 4 de janeiro de 1959, Chico Xavier bateu a porta de casa e sumiu. Sobre a cama, ainda

estendido no cabide, ficou um terno de linho branco (...) Não se despediu de ninguém. Com a roupa do corpo, tomou o rumo de Uberaba / MG (...) E foi morar com Waldo Vieira..." (Obra citada, pág. 146)

E continua o biógrafo do Chico: " - Nas mesas do Bar Central de Pedro Leopoldo, na esquina da rua onde Chico Xavier morou durante 49 anos (...) o filho de João Cândido Xavier ainda gerava polêmica trinta e quatro anos após sua mudança. (...) Em pleno 1993, os motivos do sumiço repentino de Chico Xavier ainda esquentavam as conversas entre um café e outro. Alguns acusavam o padre Sinfrônio. Muitos jogavam a culpa na família dele. Outros lembravam do escândalo provocado por Amauri Pena. Alguns se culpavam. Podiam ter tratado o conterrâneo melhor, com mais respeito (...) A razão alegada pelo próprio Chico Xavier nem era levada em consideração. Chico jogou a culpa de sua mudança em uma labirintite, iniciada naquele ano... (Obra citada, pág. 147)

E prossegue o jornalista Marcel Souto Maior: " - Chico se refugiou no meio do mato, a oito quilômetros do centro de Uberaba. Sua casa, que dividia com Waldo Vieira, era um barraco. Quarto, sala, cozinha, banheiro, chão de cimento, paredes sem pintura. Nenhum ônibus passava por ali. Quem quisesse chegar até ele, precisava atravessar o matagal, driblar bois e vacas, pular cercas de arame farpado (...) Chico experimentava a privacidade..." (idem, pág. 149)

" - Em Uberaba", diz seu biógrafo, "a chegada do Chico Xavier começou a se espalhar pela cidade (...) Chico Xavier recebeu os visitantes com abraços, sorrisos, café e bom humor (...) As histórias se sucediam e as gargalhadas, também. Waldo Vieira, mais sério, preferia o silêncio e certa distância (do pessoal da cidade)" (Idem, pág. 150)

"Chico Xavier e Waldo Vieira viveram juntos durante muitos anos, viajaram juntos, inclusive, para alguns países. Separaram-se quando Waldo Vieira resolveu ir sozinho para o Japão. Meses depois voltava apenas para arrumar as malas e deixar Uberaba, vindo para o Rio de Janeiro, onde abriu um consultório médico. E aos interessados em saber como se achava o Chico diante desse fato, ele sempre respondia que estava conformado com a separação. E Waldo Vieira, para os interessados em saber o motivo, dizia sempre que já estava cansado de viver com o Chico, que era "tão frágil, tão susceptível, tão chorão..." (Obra citada, págs. 181 e 182).

.....

Diante disso tudo que se encontra na biografia de Chico Xavier, não é preciso dizer mais nada. Cada um que tire a sua conclusão e pense o que quiser.

Viremos, pois, esta página.

O ROUSTANGUISMO E O CATOLICISMO

Sobre o desenvolvimento da mediunidade, eis o que se pode ler em "Os Quatro Evangelhos" de J. B. Roustaing: "A mediunidade dos que, entre vós, servem de instrumentos aos Espíritos, está apenas em começo. Mas, *contrariamente* ao que sucedeu na época dos discípulos, os vossos médiuns só entrarão no gozo completo de suas ... (Continua na pág. 6)

(Continuação da pág. 5)

... suas faculdades mediúnicas, quando estiver entre os homens o Regenerador, (Grifo nosso) Espírito que desempenhará a missão superior de conduzir a humanidade ao estado de inocência, isto é: ao grau de perfeição a que ela tem de chegar. Até lá, obterão somente fatos isolados, estranhos à ordem comum dos fatos.

"Não nos cabe fixar de antemão a época em que tal se verificará. O Senhor disse: - vigiai e orai, porquanto desconheceis a hora em que soará retumbante a trombeta, fazendo que de seus túmulos, saiam os mortos. Quer dizer: desconheceis a hora em que Deus fará que renasçam materialmente na Terra os Espíritos elevados, incumbidos de dar impulso às virtudes que eles descerão a pregar, praticando-as em toda a sua extensão.

"O chefe da Igreja católica, (o Papa) nessa época em que este qualificativo terá a sua verdadeira significação, pois que ela, (a igreja católica) estará em via de tornar-se *universal*, como sendo a igreja do Cristo, o chefe da igreja católica, dizemos (repetindo), será um dos principais pilares do edifício (grifo nosso). Quando o verdes, cheio de *humildade*, cingido de *uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante*, podereis dizer: - *Começam a despontar os rebentos da figueira; vem próximo o estio*.

"Entendemos por missão superior aquela que objetiva a regeneração da humanidade e que pelo seu conjunto e pela sua força, se estenderá, dominando a ação de todos os outros missionários. Podeis daí deduzir, facilmente, que o Espírito que desempenha uma missão superior está acima de todos quantos, como ele, trabalham na realização de uma obra humana.

Debaixo da influência e da direção do (Espírito) do Regenerador, caminhará o chefe da Igreja católica, a qual, repetimos, será então católica na legítima acepção deste termo, pois que estará em via de tornar-se *universal*, como sendo a Igreja do Cristo..." (Grifo nosso) (Ver "Os Quatro Evangelhos", de J. B. Roustaing, vol. 3, págs. 65 e 66 – Editora da FEB – 5ª edição – Ano de 1971 – Tradução de Guillon Ribeiro)

OBS. As letras em "itálico" são do autor.

NOSSO COMENTÁRIO

Como se vê, para Roustaing, os médiuns que, em meados do séc. XIX, puseram-se a serviço da gloriosa Falange do Espírito de Verdade, a começar por aqueles com quem trabalhou Kardec, estavam se iniciando no mediunato. Eram novatos, aprendizes, estagiários. Por conseguinte, deixavam muito a desejar. Tinham ainda muito que aprender, muito que se exercitar, para merecerem crédito. Por sua vez, o Espírito de Verdade (Jesus), cujas sábias instruções e mensagens aparecem muitas vezes nas obras do grande Missionário lionês, para Roustaing perdeu completamente o seu valor, a ponto de ser substituído por um outro, um tal de "Regenerador", que, - este sim - "desempenhará a missão superior de conduzir a humanidade a grau de perfeição a que ela tem de chegar". Pode-se concluir então que o que o Espírito de Verdade disse no "Prefácio" e no cap. VI, ns. 5 a 8 de "O Evangelho segundo o Espiritismo, não vale nada.

Foi superado. Da mesma forma, para Roustaing,, perdeu completamente o seu valor o que Allan Kardec transcreveu no cap. VI, ítem 4 do referido livro: "O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade". (Grifo nosso)

Roustaing deixou bem claro que não cabe a ele nem aos Espíritos reveladores "fixarem de antemão a data do aparecimento na Terra do Espírito do Regenerador". Isto porque "ainda não havia chegado aos ouvidos humanos o som retumbante da trombeta, capaz de despertar os mortos", fazendo-os sair dos respectivos túmulos cavados nos cemitérios. Por outro lado, para Roustaing, os homens do séc. XIX desconheciam a hora em que Deus iria permitir que os Espíritos superiores se manifestassem ou reencarnassem para pregarem e praticarem as "virtudes" em toda a sua extensão. Fica claro que, para Roustaing, os Espíritos que se manifestaram, direta ou indiretamente, a Kardec, ainda não haviam se apresentado ao grande Missionário. Estavam aguardando o som da trombeta.

Mas, algo que nos causou bastante dificuldade de entendimento, foi o fato de Roustaing declarar que cabe ao Regenerador conduzir a humanidade ao estado de inocência, isto é, ao grau de perfeição a que ela (a humanidade) tem de chegar um dia". Ora, segundo o dicionário, "inocência é a qualidade de inocente; é a falta de culpa de quem nunca errou; é caracterizada pela candura e pureza de expressão, pela simplicidade e pela ingenuidade, o que se dá, geralmente, com a criança, ser pequenino e frágil, que mal começou a viver no corpo de carne e osso. Com o passar dos anos, ela vai seguindo sua vida, atravessando outras fases, errando e acertando, agindo bem ou mal, sentindo remorsos ou não, tendo ou não sentimentos de culpa pelas faltas cometidas. E pede desculpas ou mesmo perdão, chegando mesmo a fazer promessas de que não vai reincidir nos atos maus praticados contra seus semelhantes. E assim vai evoluindo, gradativamente, até chegar ao grau de quase perfeição que deve atingir, de acordo com a lei de evolução... A meu ver "estado de inocência" e "grau de perfeição" se contradizem.

Agora, o mais grave que encontrei nesse trecho de "Os Quatro Evangelhos", foi o panegírico que Roustaing fez em relação ao Catolicismo e ao Papa. Para ele, a Igreja Católica será um dia "universal" e assim se tornará a legítima "Igreja do Cristo", dando-lhe, simbolicamente, a forma de um grande "edifício" (uma catedral, naturalmente). Por sua vez, seu chefe, o Sumo Pontífice ou Papa, será um dos "pilares" desse edifício e caminhará sempre sob a influência e a supremacia do "Regenerador". Colocou assim de lado (em escanteio) o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo, do qual nos fala Humberto de Campos (Espírito) no célebre livro intitulado "Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho", (pág. 176 da 11ª edição da FEB). Parece mesmo que os dois papas (João Paulo II e Bento XVI), que vieram em visita ao Brasil, estavam mesmo sob a orientação e proteção desse tal "Regenerador", Espírito superior anunciado por Roustaing. Por isso tornou-se comum nos centros e nos congressos, rezar-se e ouvir-se "a Ave Maria". O próprio Chico deu exemplo dessa prática.

CHICO XAVIER E A IGREJA CATÓLICA

Voltemos agora, mais uma vez, ao que disse o jornalista Marcel Souto Maior na biografia do Chico que se tornou “best seller”.

“O rapaz, (Chico Xavier) era esquisito mesmo. Comungava, confessava, ia à missa, acompanhava procissões (...) Em 7 de maio de 1927 (ao iniciar seu mediunato com 17 anos), voltou à igreja para se despedir do padre Scarzello, ajoelhou-se, beijou-lhe a mão, pediu-lhe a bênção e saiu, seguido pelo olhar do sacerdote, seu confessor, que pedia para ele a bênção da Mãe Santíssima, (a Virgem Maria)”. (“As Vidas de Chico Xavier”, págs. 30 e 31).

“Em julho, eles, Chico e dona Carmem, rezavam, quando apareceu Emmanuel, amigo espiritual de Chico, com ar imponente, vestes sacerdotais e aura brilhante”. (idem, pág. 32).

As mensagens que Chico recebia em forma de versos tanto eram elogiadas como criticadas. “Um padre de Belo Horizonte”, - contou seu biógrafo - “fez um discurso inflamado contra o Espiritismo e encerrou o sermão, mandando Chico para o inferno, deixando-o bastante impressionado...” (idem, pág. 36) “Chico já estava cansado. Trabalhava, lutava no centro, fazia caridade, escrevia quase por impulso e continuava desacreditado. Ele reclamava dos incrédulos, queixava-se dos comentários envenenados e se entregava à reza.” (pág. 37)

O padre Sinfrônio da Igreja de N. S. da Conceição não gostava de ver aquele movimento de pessoas que recorriam ao C.E. Luiz Gonzaga à procura do Chico. Ficava morto de inveja. “Ficou tão irritado com o Espiritismo, com o Dr. Bezerra, com as curas e textos do além”, - escreveu Souto Maior -, “que instalou na torre da igreja, em frente ao sino, um potente alto-falante. Entre uma badalada e outra o sacerdote convocava a população para a missa, rezava a Ave-maria, criticava a idéia da reencarnação. (...) Com sutileza e inteligência, Sinfrônio conseguiu convencer muitas beatas do quanto o espiritismo era arriscado...”

“Chico nunca tentou argumentar com o padre. Ignorava qualquer provocação, fugia de confrontos. (Grifo nosso) Quando cruzava com o ‘rival’, no meio da rua, tirava o chapéu e o cumprimentava respeitoso. Muita gente ficava irritado com sua passividade. Ele se defendia das acusações de ser omisso, comparando o ato de polemizar ao de remexer uma tina de água, ‘um serviço vão que cansa os braços inutilmente.

“Nunca atacaria o Catolicismo (...) Pelo contrário. Faria questão de defender a Igreja Católica como fundamental ao país. Por mais de quatrocentos anos, nós fomos e somos tutelados por ela, na formação do nosso caráter cristão. (...) O catolicismo era útil para o espiritismo. Multidões de católicos desembarcavam no C. E. Luiz Gonzaga todas as semanas.

“Chico confidenciaria a um amigo qual era sua estratégia: - A Igreja Católica precisa sobreviver...” (op.cit pág. 112) (Grifos nossos) E, por certo, sobreviverá, como afirmou Roustaing, pois “debaixo da influência e da direção do Regenerador, caminhará seu chefe, fazendo com que ela se torne católica na legítima acepção deste termo, tornando-se universal, como

sendo a Igreja do Cristo.” (Roustaing, op. cit. vol. 3, pág. 66 da 5a. Edição - FEB - 1971)

Creio que fica assim, claramente, explicado por que motivo Chico Xavier, ao psicografar o célebre “Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho” concordou com o autor espiritual, Humberto de Campos, quando este fê-lo transcrever que Roustaing, por decisão tomada numa “Assembléia espiritual presidida pelo coração misericordioso e augusto do Cordeiro de Deus (o Jesus agêner) foi designado, particularmente, para coadjuvar Allan Kardec, no seu esforço de síntese, ficando encarregado de organizar o trabalho da fé...” (pág. 176), declaração esta que contou com o aval de Emmanuel, que prefaciou a obra, da FEB, que a publicou, do Conselho Federativo Nacional da FEB e da comunidade espírita que vivem estudando-a e divulgando-a, sem permitir que nos centros espíritas, nos simpósios, seminários e congressos, ela seja criticada e contestada pelos opositoristas do sistema administrativo criado com o aparecimento da chamada “Casa Mater”, em janeiro de 1884. É que a célebre “Congregação do Index”, que, por muito tempo, funcionou na velha Europa, passou a funcionar aqui na “Pátria do Evangelho”, com a volta, em Espírito, do Provincial da Companhia de Jesus, o padre Nóbrega.

Devo deixar bem claro que meu querido e saudoso pai, Severino de Freitas Prestes Filho, jamais concordou com isto que se encontra em “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing e no “Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho”. E isto ele deixou bem claro em nossas conversas familiares, como também deixou registrado em sua autobiografia, que levou anos escrevendo, por determinação dos Protetores Espirituais, entre os quais se destacou o Espírito de Erasto, seu “Guia bem amado”

Um dia, num futuro bem próximo, suas “Memórias” virão a público, tenho certeza, quando, por força do progresso, deixar de existir também essa Congregação do Index, instalada por obra e graça dos modernos jesuítas encarnados e desencarnados.

Aguardemos com otimismo e, sobretudo, com muita fé em Deus e no Espírito de Verdade, esse dia de libertação cultural, espiritual e doutrinária, que está em vias de chegar para gáudio da humanidade.

De minha parte, enquanto isto não acontecer, continuarei na linha de frente como um verdadeiro paladino, fazendo com meu boletim mensal o que o grande Erasto, em sua “Instrução” aos espíritas dada em Paris, em 1862 mandou que fizéssemos, ao afirmar: “É contra esses impostores que devemos estar em guarda correndo a todo homem honesto o dever de os desmascarar.”

(Allan Kardec, em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. XXI, nº 9)

“O FRANCO PALADINO” – Órgão de divulgação do Espiritismo
Codificado por Allan Kardec.
Responsável: Prof. Erasto de Carvalho Prestes
Endereço: Rua Visc. de Moraes nº 159 (7º andar)
Bairro do Ingá – Niterói/RJ – CEP =24.210-145
☎ (0 XX 21) 2.719-8022
E-mail: erastoprestes@urbi.com.br
Assessor de Informática: Erasto Magno L. Prestes